

Resistência ao negacionismo histórico

ISAAC MARTÍNEZ MONTERROSAS

MARTINELLI, Martín. **Palestina (e Israel):** entre intifadas, revoluciones y resistencia. Luján: EdUNLu, 2022

O primeiro livro do historiador argentino Martín Alejandro Martinelli condensa, em suas 368 páginas, as ideias que ele expressou ao longo de sua carreira acadêmica nos diferentes espaços em que se manifestou. Para Martinelli, 1) o Estado co-imperial de Israel foi estabelecido pelo Ocidente para defender seus interesses geoestratégicos no Oriente Médio por meio da desestabilização; 2) o sionismo é uma ideologia política interessada, por um lado, na colonização e no assentamento de todo o território da Palestina histórica e, por outro, na limpeza étnica da população nativa.

Da mesma forma, para Martinelli, 3) o nacionalismo palestino é diaspórico e anticolonial, uma vez que, na resistência contra o poder dominante, a diáspora palestina desempenhou um papel preponderante. Por fim, 4) o Oriente Médio e o Norte da África (MENA) ou o Oriente Médio mais amplo está passando por um processo de reordenamento geopolítico em virtude de sua importância geoestratégica histórica para as potências imperialistas e neoimperialistas lideradas pelos EUA, China e Rússia. A intervenção imperial na área tem sido possível devido ao papel desempenhado pelas potências subimperiais (Turquia e Irã), co-imperiais (Israel e Arábia Saudita) e emergentes (Índia) na construção de um novo mundo multipolar.

A posição de Martinelli sobre o controverso, politizado e disputado estudo histórico da Palestina e de Israel é humana, decisiva, prática e corajosa. Com seu livro, ele busca resistir, a partir da

ISAAC MARTÍNEZ MONTERROSAS

Licenciado em História pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), pesquisador do Observatório Geohistórico da Universidade Nacional de Luján (OGH-UNLu).

E-mail: isaacmonterrosas7@gmail.com

realidade latino-americana, ao silenciamento e ao negacionismo da história do povo palestino, bem como defender os direitos legítimos de todos os povos do mundo. Sua luta acadêmica consiste no reexame, com uma perspectiva decolonial e geohistórica, dos principais eventos na região desde a promoção otomana das reformas do *Tanzimat* (تامیظنت) (1839-1876) até os dias atuais.

A intenção desta resenha é analisar os principais argumentos do historiador argentino Martín Alejandro Martinelli e, ao mesmo tempo, destacar a importância de sua pesquisa histórica no contexto da academia, que se caracteriza pela repressão, censura e negacionismo. É também um dos espaços que promove de forma tendenciosa as representações sionistas e judaicas da história palestina.

O prefácio “Revolucionando a conversa sobre a Palestina” (p. 15-29) foi escrito pelo conhecido historiador israelense Ilan Pappé, que observou a conjunção favorável de diferentes processos históricos na causa palestina. Esses processos foram: 1) o retorno da revolução discursiva no meio acadêmico e no ativismo palestino com foco na descolonização; 2) o ressurgimento da solução de estado binacional, a consideração de Israel como um estado de apartheid de colonos e a descolonização como uma “condição para a paz e a reconciliação” (Martinelli, 2022, p. 18).

Pappé também observou 3) a perda de confiança nas instituições políticas palestinas, 4) o desaparecimento da esquerda sionista desde o final da década de 1990, 5) o declínio do processo de paz patrocinado pelos Estados Unidos desde junho de 1967, incluindo o enfraquecimento da solução de dois Estados em virtude de seu apoio desigual ao Estado de Israel, e 6) o rejuvenescimento da população palestina conectada em rede em todo o mundo por meio da mídia digital, que tem o potencial de criar novas instituições e impulsionar um movimento social eficaz.

As principais proposições de Martinelli em seus dois primeiros capítulos “Nações e nacionalismo no Mashriq e no Magreb” (p. 31-55) e “Identidade em nível teórico” (p. 57-64) são: o desenvolvimento do nacionalismo na Ásia e na África, incluindo o “mundo árabe”, foi uma resposta ao imperialismo e ao colonialismo, daí suas particularidades distintas em relação aos nacionalismos de

outras partes do mundo; a existência e a sobreposição de várias identidades sustentadas em mitos coletivos dão coesão à identidade nacional.

A existência da identidade nacional palestina antes do estabelecimento do Estado sionista em maio de 1948 é o tema do terceiro capítulo de Martinelli “Historicização da palestinação” (p. 65-106). Nesse capítulo, ele enfatizou que a formação inicial da palestinação não foi a principal consequência das políticas impulsionadas pela ideologia sionista após *Al-Nakba* (نكبة 1948), como é tradicionalmente considerado. Em sua opinião, a palestinação foi uma reação de identidade anticolonial que surgiu no final do século XIX de diferentes posições (famílias notáveis, jornalistas, comerciantes ou camponeses) e lugares (na cidade ou no interior da Palestina), cuja intenção era reivindicar o pertencimento legítimo ao território da Palestina, bem como promover a resistência da população palestina contra a colonização dos judeus europeus.

No capítulo “De 1948 *Al-Nakba* a 1967 *Al-Naksa*” (p. 107-133), Martinelli demonstrou que, após a formação inicial da identidade nacional palestina no final do século XIX, houve uma série de eventos e processos globais, regionais e locais que influenciaram sua reconstrução. Foram eles: *Al-Nakba* (نكبة 1948), o estabelecimento da OLP em 1960, *Al-Naksa* (نكسة 1967), a Guerra Fria, o processo de descolonização da Ásia e da África, o pan-arabismo, bem como a ascensão e a queda gradual do sistema mundial unipolar orquestrado pelos Estados Unidos como uma potência hegemônica em declínio.

A colonização sionista e a dispersão da população nativa não impediram a reformulação da identidade nacional palestina, o fortalecimento de suas aspirações políticas, a reestruturação organizacional de cima para baixo e de baixo para cima, bem como a aproximação com o Terceiro Mundo e os movimentos de descolonização. Além disso, no capítulo 5 “A resignificação da identidade nacional palestina (1967-1977)” (p. 135-181), Martinelli destacou a permanência inabalável da criação de um Estado palestino democrático, secular e binacional, bem como a conquista do tão esperado reconhecimento regional e internacional da Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

Os elementos que foram uma parte essencial do processo de reformulação da identidade na Palestina são considerados por Martinelli no capítulo “Entre o dia da terra e o início da intifada (1976-187)” (p. 183-208). São eles: o apego, a resistência e o senso de comunidade dos *felahin* palestinos (نبيحالف) à sua terra invadida; o aumento da participação da população em atividades de guerrilha, em que se destacaram os *fedayin* (نبييادف), que foram retratados como heróis e mártires em fotografias e arte; o uso simbólico e maciço da *kufiya* (كفيفوك) desde os anos da Revolução de 1936-1939 e a memória coletiva em torno da tentativa de desenraizamento e dispersão refletida na nomeação de ruas e parentes.

O sétimo capítulo “Argumentos entre Palestina e Israel” (p. 209-247) questiona a legitimidade dos argumentos apresentados por Israel para justificar sua dominação e expansão co-imperial na Palestina. Os contra-argumentos apresentados por Martinelli são: 1) o sionismo é uma forma de colonialismo em trajes milenares, conforme definido pelo economista argentino Claudio Katz; e 2) a política planejada de colonização e judaização-desratização do território precedeu o genocídio nacional-socialista e a criação do Estado sionista. Ele também expôs a ideologia do “Grande Israel” ou “Israel Imperial”, que recorria, em termos gerais, à nacionalização e à historicização das histórias míticas da Bíblia para colonizar o território da Palestina e, assim, restaurar a extensão territorial ambígua de *Eretz Yisrael* (Terra de Israel).

O capítulo seguinte “Comparações com os curdos, a África do Sul e a América Latina” (p. 249-263) é fundamental para entendermos os pontos em comum da questão palestina com a nossa América, ou seja, as relações migratórias e diplomáticas, a colonização e as formas de lidar com ela e as imposições imperiais. Para o autor, é válido usar o conceito de *apartheid* para caracterizar o Estado sionista por sua política contínua de segregação em relação à população não judia do território, razão pela qual a resistência contra as potências imperialistas é necessária e legítima em todas as partes do mundo.

O poder das representações visuais na resistência palestina é objeto do capítulo “A resistência por meio da cultura” (p. 265-278). O historiador destacou os desenhos de Naji al-Ali (1936-1987),

as ilustrações de Ghassan Kanafani (1936-1972) e a poesia de Mahmoud Darwish (1941-2008). Também considerou significativa a participação das mulheres na resistência anticolonial palestina ao longo do século XX, representada em filmes como *A árvore de lima* (2009).

Da mesma forma, Martinelli (2022, p. 274) ponderou que a população palestina tem sido vítima dos mapas, que “devem ser interpretados como ‘tijolos’ de um texto”. Isso porque eles têm sido usados para visualizar o imaginário nacional-colonial do território habitado da Palestina, para judaizar a toponímia e “impor amnésia coletiva” (Martinelli, 2022, p. 275). É por isso que fazer mapas alternativos é uma forma de resistir à falsificação cartográfica, bem como de “explorar a carga simbólica e representacional desses mapas na educação e em outras mídias” (Martinelli, 2022, p. 276).

No capítulo 10 “O redesenho do ‘Oriente Médio’ e a questão palestina” (pp. 279-301), Martinelli questionou a aspiração do imperialismo norte-americano de redesenhar o MENA por meio das inúmeras guerras e operações realizadas na área desde a década de 1990, quando, após a queda da URSS, a potência hegemônica reorientou sua geopolítica global, pressionando pelo estabelecimento da ordem unipolar. O argumento usado pelos EUA para justificar suas invasões foi associar o Islã ao terrorismo, promover a guerra global contra o terrorismo e estabelecer alianças com países que pensam da mesma forma para combater o suposto inimigo comum. De modo geral, as transformações geopolíticas no MENA pioraram a situação da população palestina dentro e fora dos territórios invadidos. Além disso, o Estado sionista continuou sua política agressiva de expansão colonial com base na vantagem militar qualitativa concedida por seu fiel aliado.

As conclusões do historiador são a distinção de três políticas do estado co-imperial de Israel em relação às três geografias da Palestina, a saber, Jerusalém, Cisjordânia e Gaza, com o objetivo de desgastar a resistência diária da população palestina. As três políticas sionistas são: o plano mestre de judaização-desratização de Jerusalém, a tentativa de anexação da Cisjordânia com base no racismo estrutural e a política de bloqueio econômico, bem como as contínuas invasões armadas de Gaza.

Finalmente, no epílogo de sua obra (p. 305), Martinelli expressou seu interesse na solução rápida e necessária da causa palestina, que deve ser materializada na vida diária de todas as pessoas na Palestina, Egito, Jordânia, Líbano, Síria, Irã ou Iêmen, seus vizinhos arruinados pelas políticas imperiais. Ele também lembrou e dedicou seu trabalho às muitas vítimas de regimes militares, capitalistas e neoimperialistas no mundo desde, pelo menos, o estabelecimento da ordem unipolar no início da década de 1990.

Em resumo, *Palestina (e Israel), entre intifadas, revoluções e resistências* (2022) é o sério convite do historiador argentino Martín Alejandro Martinelli ao público leitor de língua espanhola da América Latina para conhecer, pesquisar, escrever e se mobilizar em torno da causa palestina. Em particular, nos convida a conhecer a complexa história do silenciamento e da negação da resistência palestina ao colonialismo de assentamento realizado pelo estado co-imperial de Israel; a pesquisar e escrever mais sobre seu sofrimento, ações e vida cotidiana para nunca esquecer seu passado-presente marcado pela opressão e injustiça. Ao mesmo tempo, reconhecer como americanos a proximidade com a questão palestina, bem como a luta justificada contra o imperialismo que aflige nossa América. A causa palestina é o lugar de todas as lutas.

REFERÊNCIAS

PAPPÉ, Ilan. **Historia de la Palestina moderna: un territorio, dos pueblos.** Akal, 2007.